

CARTA PARA CHEGAR ATRASADA

ESCREVO no último dia do ano; isso quer dizer que esta crônica chegará ao leitor velhíssima — pois não há nada mais velho que o ano que passou. Não que o seja realmente; nós é que sentimos a necessidade de pensar assim — de sentir assim — para ter a ilusão de que o **Ano Nôvo** é algo de nôvo mesmo.

Recebo carta de uma querida amiga de Copacabana. Ela me conta da tristeza, de uma certa angústia que sente sempre nessa ocasião de Festas; e até se julga um pouco mesquinha por ficar meio irritada com a agitação e a alegria dos outros.

Muita gente sente isso, minha amiga; já ouvi mais de uma vez frases como "detesto o carnaval", "odeio o Natal", "tenho horror de Ano Bom". Conheço môças que procuram ficar sôzinhas e até choram ao bater da meia-noite; e no dia 1.º pela manhã respiram aliviadas, dizendo para si mesmas: "enfim, passou".

Passa, minha amiga. Quando ler esta crônica já o ano terá passado e você estará tranqüila. Passa um ano, passam outros anos, e, para falar com franqueza, no meu caso e para meu gôsto, até acho que tem passado anos demais. Menina, estamos em 1962! Houve um tempo em que não pensei que chegasse a tanto. E aqui estou, nesta véspera de Ano Bom, num quarto de hotel e numa cidade estrangeira — mas o mesmo homem, sentado diante da mesma máquina, sentindo e certamente escrevendo coisas parecidas às que sentiu e escreveu tantas vêzes antes neste mesmo dia.

Não seria mais interessante para você que eu contasse coisas da terra? Diria que fui a um jantar

no Palácio Real, em homenagem ao Primeiro-Ministro da Birmânia — que, por sinal, usa na cabeça um lenço de sêda amarela com o nó para um lado, como os piratas antigos, e tem uma cara de lua, redonda e inteligente; usa uma espécie de paletó prêto e uma saia colorida com uma prega na frente; chama-se U Nu; é budista e marxista. Fomos distribuídos por mesinhas baixas, sentados em almofadas de sêda; havia uma orquestra invisível e fumos aromáticos saindo de vasos de prata. Não contei os pratos, se eram dez ou doze; o primeiro foi mechuí, grande assado de carneiro, e o último cuscuz que tem pouco a ver com o nosso cuscuz-paulistã. Que a gente come com a mão — com a mão, sim, não com as mãos, pois só se usa a direita e, para ser mais preciso, só o polegar, o indicador e o médio da mão direita; que éramos servidos por árabes e negros em trajes multicores, que circulavam em um pátio coberto de tapêtes, com uma fonte ao meio, e rodeado de colunas; que, no intervalo entre duas músicas ouvíamos o canto de dezenas, talvez centenas de pássaros que pareciam estar no alto, perto da abóbada; que havia três bebidas, uma na base de laranja, outra de amendoas e um chá com hortelã-pimenta; e que, segundo o protocolo, não havia nenhuma senhora, mas em compensação não houve nenhum discurso...

Mas você, minha amiga, que lê tanto, já deve estar cansada de saber essas coisas através de um dos milhares de escritores franceses que as descreveram. Paro aqui. Ainda não sei onde passarei a meia-noite; mas não custa dizer que pensarei um instante em você, com uma razoável ternura. Adeus.